



A sede do *Jornal do Commercio*,  
o grande órgão da imprensa  
brasileira ligado  
ininterruptamente à Academia  
Brasileira de Letras desde que  
foi fundada, em 1897, e que  
teve entre seus colaboradores  
o jornalista Urbano Duarte,  
fundador da Cadeira 12.

## A Academia Brasileira e o *Jornal do Commercio*

JOÃO LUSO

O *Jornal do Commercio* não tem apenas como toda a imprensa, acompanhado a Academia Brasileira de Letras. A ela, e desde a sua fundação, o já então chamado Velho Órgão se ligou por vínculos de inteligência e afeto que, nem por um só momento, haviam de se desprender. Por um esforço e um sentimento comum logo as duas Casas, a de Pierre Planchet e a de Machado de Assis, confraternizavam. Do *Jornal do Commercio* se dizia que era o Senado da Imprensa; a Academia vinha a ser o Senado das Letras. Se percorrermos as coleções da folha em outros tempos tão avara do espaço para homenagens e encômios, veremos que, para a Ilustre Companhia, sempre as suas colunas se dilataram generosa e prazenteiramente. Para ela se reservavam ali adjetivos de raro emprego e só para ocorrências ou personagens excepcionais; e, certamente, algumas fórmulas de louvor que nunca haviam logrado acesso àquelas páginas severas, agora para lá subiam, por se tratar da Sociedade Insigne de que Medeiros e Albuquerque fora o primeiro inspirador e Lúcio de Mendonça, como tantas vezes se tem dito ou insinuado, o verdadeiro fundador.

Pseudônimo de Armando Erse (1875-1950), português radicado no Brasil. Contista, teatrólogo, jornalista, colaborador em diversos periódicos paulistas, entrou para o *Jornal do Commercio* em 1901. Foi membro da ABI, da SBAT e correspondente da ABL. O artigo aqui publicado saiu na *Ilustração Brasileira* – Dezembro de 1946.

Donde poderia vir, para as relações entre o jardim de Academos e o luminar da Imprensa, tal aproximação e conformidade? Se bem conseguimos informar-nos, não havia, nos primeiros tempos da Academia, redator efetivo do *Jornal*, eleito ou candidato à imortalidade. Só um colaborador, com seção e dias certos: Urbano Duarte, autor dos folhetins de domingo, “Sem rumo”, que, reunidos em volume, haviam de compor a única obra publicada e propriamente literária do escritor: *Humorismos*. E Urbano nada influía na orientação ou nas simpatias da folha. Pouquíssimo por lá aparecia. Mandava as crônicas aos sábados; mandava cada mês receber os duzentos ou duzentos e cinquenta mil réis da colaboração – e a isso se reduziam, pelos modos, as relações entre o homem de letras e a casa para a qual, um dia por semana, trabalhava. Quanto ao diretor de então, José Carlos Rodrigues, parece que uma só vez Urbano teve com ele aproximação deveras significativa. Por sinal que sendo história pouco divulgada, valerá talvez a pena recordá-la.

A propósito de qualquer coisa ocorrida em Mato Grosso, surgiu no rodapé dominical a pilhéria que negava, com argumentos do gênero, a existência daquele Estado brasileiro. – Não, não havia Mato Grosso! Quem, algum dia, lá fora? Quem, realmente, de lá viera? Era um mito como a Fênix e que algumas pessoas tomavam ou fingiam tomar a sério. Ou então, uma espécie de convenção para fins políticos, mandatos, comissões, empregos... – E por aí fora. Mas Urbano, embora ninguém o soubesse e talvez ele próprio, por vezes, o esquecesse, era major de artilharia; o Ministro da Guerra, o severíssimo General Cantuária, detestava facécias em questões de brasilidade; e, na segunda-feira, baixava-se de uma ordem do dia que mandava o major Urbano Duarte recolher-se dentro do menor prazo possível, ao regimento aquartelado em Corumbá. Para o folhetinista não poderia haver maior surpresa nem desastre maior. Valeu-lhe José Carlos Rodrigues, o qual, logo informado do que se passava, mandou chamar o seu colaborador e, depois de breve conversa, partiu a toda

a pressa para o Ministério da Guerra. Cantuária mostrou-se a princípio irreductível e quis, por sua vez, deitar ironia: que não o movera a intenção de punir um oficial e ao mesmo tempo homem de letras tão distinto; desejara apenas revelar-lhe alguma coisa por ele estranhamente ignorada: que Mato Grosso existia, de fato. Mas Rodrigues insistiu e tudo por fim se arranjou, sem outro revés para o cronista de “Sem rumo”, se não o impedimento de gracejar – pelo menos dentro daquele Governo – com o mapa da República.

Ora, dado o caráter do seu trabalho e com a sua falta de assiduidade na redação, bem pouco o acadêmico n.º I do *Jornal do Commercio* influiria, mesmo que em tal pensasse, para a espécie de afinidade, parentesco intelectual e cordial, formado entre as duas instituições. A verdade é que as duas se pareciam a ponto de se irmanarem. Assim o *Jornal* ia seguindo, uma a uma, as sessões acadêmicas de certa solenidade ou relevo no Pedagogium, na *Revista Brasileira*, no Ginásio Nacional, na Biblioteca Fluminense, no Gabinete Português de Leitura, finalmente no Petit Trianon. Até hoje, só o *Jornal do Commercio* tem dado sistematicamente e na íntegra a resenha que recebe das reuniões de quinta-feira. Só ele publica, textualmente também e no dia imediato, os discursos das recepções acadêmicas. Não se trata, certamente, de um privilégio explícito, só a ele concedido. Outras folhas que o solicitassem, sem dúvida, o obteriam. Apenas o velho órgão não precisa de o reclamar; ele lhe vem, como veio sempre, pela lei das solidariedades espontâneas e pela ordem natural das coisas. Do *Jornal do Commercio* partiu um dos maiores e mais rápidos triunfos que algum acadêmico já obteve no campo da livraria. Foi o caso do *Canaã*. Graça Aranha, escritor ainda bem pouco conhecido, voltou, dessa vez da Europa, tendo por companheiro de viagem José Carlos Rodrigues. De simples conhecimento, passaram as suas relações, durante a travessia, a certa intimidade, um princípio de amizade. Aparecia então o romance. Rodrigues recomendou-o, com particular interesse, a Félix Pacheco. Fé-

lix, num daqueles arrebatamentos magnânimos que até o fim lhe traduziram o temperamento de poeta, elevou *Canaã* aos, por eufemismo, chamados carrapitos da lua. O artigo apareceu, pela mais honrosa e sensacional das exceções, na primeira página do jornal. Houve uma verdadeira corrida às livrarias; e, em três ou quatro dias, a edição se esgotava. Não se discute aqui o valor da obra. Assinala-se um fato eloqüente, mais nada.

Medeiros e Albuquerque, só por ocasião do seu exílio voluntário, após o malogro da campanha presidencial pró-Rui, assumiu, na velha casa, sendo já Félix secretário da redação e de fato redator-chefe, uma tarefa determinada e periódica. Mandava de Paris, semanalmente, uma correspondência que constituía autêntica novidade no jornalismo brasileiro e creio que na imprensa diária do mundo. Eram resumos das mais notáveis obras literárias que iam aparecendo na Europa, na América. Assim um romance se transformava num conto, e uma peça numa narrativa de coluna e meia a duas colunas. Eram sínteses admiráveis, já pela dificuldade, que venciam, de nada de interessante suprimirem ou deixarem indeciso, já pela maneira como interpretavam, em linguagem modelarmente clara, a índole conceituosa, a organização técnica, o estilo, finalmente a razão de ser do grande êxito primitivo. De volta ao Brasil, aceitou Medeiros e Albuquerque a seção dos “Livros novos”, que outro acadêmico da primeira hora, José Veríssimo, por bastantes anos e com solene autoridade, ocupara. E ao processo mais que sisudo, rígido por vezes, de Veríssimo, sucedeu a fácil desenvoltura, a vivacidade luminosa de Medeiros, crítico, em verdade, bem diverso daquele e que só por excesso de benevolência pecaria.

Félix Pacheco, que chegou a diretor único do *Jornal do Commercio*, fez parte de várias diretorias do Petit Trianon, inclusivamente como Secretário-geral, e se não desaparecesse tão cedo, a presidência lhe seria entregue automaticamente, a bem dizer – e por unanimidade. Lá estava também Victor Viana, por bem pouco tempo, infelizmente, mas

com firme e nítido destaque. E hoje um dos colaboradores titulares e infalíveis da nossa folha é, na Academia, uma das figuras de mais sole-  
ne estirpe e pelo saber mais respeitadas: Afonso de E. Taunay.

Tendo voltado aos colaboradores, falaremos – e já realmente devíamos ter falado – de Constâncio Alves, o qual, muitos anos antes de feito imortal, sobremaneira se ilustrara na seção de após as “Várias”, intitulada “Dia a dia”, que mais tarde passava para o rodapé e para quinta-feira, chamando-se então “A semana” e por baixo “Dia a dia”. Nas duas crônicas ele ganhou foros de cultor inigualável da feição espirituosa que os franceses chamam *pince-sans-rire*. Em Constâncio, porém, não envolvia ela maior malícia, nem tinha fundo agressivo; e só nas polêmicas, pela serenidade mesma e a irrepreensível cortesia das réplicas se tornava deveras temerosa. Foram naquelas quintas-feiras que apareceram os capítulos – carinhosamente recolhidos por Afrânio Peixoto e por ele incluídos nas edições da Academia – do segundo e último livro do grande bibliófilo e grande bibliógrafo: *Santo Antônio*. Membros correspondentes da Academia foram: Jaime de Séguier, que por alguns lustros manteve as duas seções: “Ver, ouvir, contar” e, com o pseudônimo Alter Ego, o “Jornal dos jornais”; Alberto de Oliveira que, com Agostinho de Campos, enviou com impecável pontualidade, à nossa edição vespertina, os finos, leves, alados comentários dos “Pombos correios”; Antônio Correia de Oliveira, sem fôlego de prosador – não fosse ele tão alto e produtivo poeta – que lhe permitisse animar, além de três ou quatro crônicas, a sua contribuição; e desde há um ano pertence à imorredoura corporação, o autor das *Cartas sem data*, sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, ex-diretor do *Diário de Notícias*, atual embaixador português em Paris, Augusto de Castro.

Há ainda um correspondente que, faz pouco menos de meio século, se radicou e ainda hoje, como Deus é servido, milita no *Jornal do Commercio*. Desse, porém, acho eu que não vale a pena falar.

Afrânio Peixoto,  
retratado pelo pintor  
português Eduardo Malta.  
Acervo da ABL.



# Obras Completas de Afrânio Peixoto

FRANCISCO VENANCIO FILHO

Quando se contemplam os 25 volumes das Obras Completas de Afrânio Peixoto ocorre necessariamente a observação de Medeiros e Albuquerque: “Um crítico literário do século XXI, poderá, sem esforço, demonstrar que o nome Afrânio Peixoto não corresponde jamais a uma determinada individualidade: era o pseudônimo de um grupo de homens de ciências e letras.” E acrescentava, lembrando o que se dá na Inglaterra com a advocacia: “Esse pequeno mas admirável cenáculo tem publicado livros de poesia, ciências, literatura, sem revelar quais os verdadeiros autores, dando a todo o nome social da firma: Afrânio Peixoto.”

Os 25 volumes agora editados pela Casa Jackson correspondem apenas à obra literária. O que ficou de fora daria outro tanto, de quem realiza mais que o prólogo de “nenhum dia sem uma linha” (seria mais bonito em latim?), porque tudo quanto escreveu, reduzido a números estatísticos, tão da moda, seria mais de uma linha por hora, no intervalo que vai do aparecimento da *Rosa mística*, em 1900,

Ensaísta, biógrafo, engenheiro e professor (1894-1946), autor de estudos pioneiros sobre Euclides da Cunha. Escreveu este artigo ao sair a *Obra Completa de Afrânio Peixoto* (25 volumes), pela W. M. Jackson, Inc. Editores, em 1944. Graças a Alberto Venancio Filho, que o encontrou no seu arquivo, é agora publicado.



ao volume *É* ou ao *Breviário da Babia*, prestes a sair. E entretanto, nem sequer tem datilógrafo ou máquina de escrever privativa. Tudo saiu da sua dadivosa mão esquerda, com caneta-tinteiro, que assombrou, por inédita, os seus examinadores, no famoso concurso para a Faculdade de Medicina em 1906. E saiu, como se fosse sempre de pena nova, na expressão feliz de Carlos Sussekind de Mendonça, tal é a clareza e simplicidade do estilo, o mesmo de sua conversa, aquela conversa de que tem o privilégio e que é responsável por tantos atrasos e impontualidade de seus amigos, culpa inexplicável em quem pratica, entre nós, o pecado da pré-pontualidade...

Podemos realizar, agora, facilmente, um périplo completo, na mais encantadora das viagens, pela mais variada, mais opulenta, mais culta obra literária, até hoje, escrita por autor brasileiro.

Polígrafo completo, nenhum gênero lhe foi estranho. Romances? Foi por um deles que pagou a promissória da eleição acadêmica, feita à sua revelia, por Mário de Alencar... São todos deliciosos romances, simbólicos, cortes psicológicos e sociais. Foi pena que nem todos os símbolos se completassem. Tivemos o da “Mulher e o Destino”: *A Esfinge e Razões do coração*; o da “Beleza e o Amor”: *Maria Bonita e Bugrinha*; o da “Natureza e Civilização”: *Fruta do mato e Uma mulher como as outras*, inicialmente com o título *Face de veneno*. O outro díptico, “Aventura e Sonho” – no *Desertão Atlântico* que o autor escreveu na sua imaginação – não foi transporto para a escrita, conforme o preceito de Mallarmé, tanto do seu agrado: “Tout existe pour aboutir à un livre.” Poderá dizer que nos deu, em compensação, o filme *Sinhazinha*, feito romance.

A capacidade de escritor de Afrânio Peixoto é proteiforme. Que variedade de aspectos, por exemplo, neste *Amor sagrado e amor profano*, onde a cor local de contos, como “Judith”, é de exatidão perfeita, no rigor da linguagem, no conhecimento dos detalhes da indumentária, na interpretação original de lenda bíblica. E nesse livro, onde todas as verdades do amor se permitem, não há o mau gosto de um nome

feito... “Tristão e Iseu”, com que cumpriu o voto de André Gide de todo escritor transpor um livro universal para a língua nacional, tem a atmosfera da época própria.

No gênero Ensaios, ninguém o excedeu em nossa literatura. Pela visão em profundidade com que sonda os assuntos, sem perder a graça alada e colorida, pela originalidade e bom gosto, pela sobriedade da erudição apropositada, é aí que se encontra, talvez, a maioria de suas obras-primas. *Poeira de estrada*, justamente apelidada de livro, contém os modelares discursos acadêmicos sobre Euclides da Cunha, Osvaldo Cruz, Aloísio de Castro, Alcântara Machado, pronunciados com aquele encanto inesquecível de conferencista inextinguível. E as outras conferências, como as suas sobre Euclides da Cunha, de cuja glória tem sido defensor infatigável; ou pequenas notas, todas a crescer, a quem as ler, alguma coisa. E são assim todos os outros nove, variados e múltiplos, até este último – *Indes* – em que reuniu, completando, prefácios e estudos esparsos.

*Trovas brasileiras* representam uma contribuição folclórica e um curioso ensaio de crítica literária. *Parábolas* são quase que máximas de pensador, lições da natureza e do homem. *Ramo de louro*, *Pepitas* e *Indes* são reuniões de ensaios vários, maiores e menores, mas todos repletos de originalidade e observações pessoais.

As suas duas paixões patrióticas estão presentes: Castro Alves e Camões, de cujas obras fez primorosas edições.

Portugal, que tanto lhe deve, se encontra nas *Viagens na minha terra* e *Maias e Estevas*, flores simbólicas, peninsulares.

Nem faltou, como subprodutos literários, e que subprodutos! – *Autos e loas* – teatro e poesia, poesia sem rima e ritmo, mas com idéias... Não esquecer também esta deliciosa antologia do *Humor*, repleta de malícia e ironia.

Completam o quadro duas vocações de Afrânio Peixoto: o viajante e o educador. Viajante que, como queria Ruskin, leva consigo a

viagem, mas viajante que sabe ver como ninguém, com cultura, imaginação histórica e literária, compreensão de cada povo e de cada índole – tudo isso nesta saborosa *Viagem sentimental*, que se lê sorvendo-a lentamente, diminuindo gradativamente a velocidade para não acabar tão depressa... O educador, síntese de sua personalidade, que tem educado, pela ação e pelo exemplo, as gerações privilegiadas do seu tempo, deu-nos “a educação da Mulher”, com o nome gracioso de *Eunice*, à maneira do livrinho de Salomon Reinach, justamente dedicado ao grande mestre Anísio Teixeira.

Por fim, como o mais breve dos títulos, uma única letra, *É*, realizou o seu dicionário, as suas definições, transunto de uma grande vida e de uma imensa obra.

Aos cálculos astronômicos da linda crônica de Celso Kelly pode-se acrescentar que nestes 25 volumes, em suas várias edições, há cerca de dez milhões de páginas impressas...

Depois de ler-se esta obra toda, o último volume permite uma revisão de idéias, de sentimentos, de cultura com que se retorna do périplo delicioso.

E volta-se reconhecido ao autor, pelas horas, pelos dias de repouso e encanto espiritual que lhe ficou devendo. E aos privilegiados que têm a fortuna de sua amizade, sobre a gratidão, esta pequenina alegria impura: que pena nos faz quem não gosta de Afrânio Peixoto...

PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS  
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

*As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.*

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Evandro Lins e Silva
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	Rachel de Queiroz
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Raymundo Faoro
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Sergio Corrêa da Costa
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Celso Furtado
12	França Júnior	Urbano Duarte	Dom Lucas Moreira Neves
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Miguel Reale
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Marcos Almir Madeira
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai Amado
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Oscar Dias Corrêa
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Josué Montello
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Geraldo França de Lima
32	Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Roberto Marinho
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10,5/16 PT.

